



Topar com vilarejos de pescadores é como encontrar um oásis no deserto: é hora de comer, beber e descansar

Levantem. De pé, vocês vão mais rápido”, aconselha Dorval Martins, com a sabedoria de quem leva a vida de remo nas mãos desde menino. Dentre a enxurrada de informações preciosas do calejado pescador, essa seria a única

ignorada pelos integrantes da frota de seis caiaques em expedição pelos canais do Lagamar, como é chamado o trecho litorâneo entre o sul de São Paulo e o norte do Paraná. Feitos de fibra de vidro, os caiaques oceânicos usados na travessia têm cockpits ideais para viajar sentado – ao contrário das canoas de madeira que há séculos levam e trazem os caiçaras pelos corredores de água ladeados por manguezais.

De fala simples, esses homens de pele vermelha e sobrenome português, a exemplo de seu Dorval, são descendentes dos primeiros colonizadores europeus e dos indígenas originais. O tempo os transformou em especialistas. Como ninguém, são capazes de dissecar o sentido dos ventos, decompor a feição das nuvens e decifrar os ciclos da lua. “Não saiam agora. Esperem a maré virar”, recomenda o pescador, enquanto oferece uma porção de tainha à milanesa. Motivados mais pelo aroma do petisco do que pela instrução náutica, acatamos a sugestão e resolvemos

O sucesso reside em aliar o antigo conhecimento caiçara com modernas técnicas de navegação

esperar o movimento do oceano. Recostado sobre o balcão de seu boteco, o único da vila de Ariri, na Ilha do Superagüi, e diante de nove ávidos remadores, Dorval lamenta a inclinação da nova geração da região por barcos a motor. “A meninada não quer mais saber de remar.”

Nossa jornada havia começado no dia anterior, em Cananéia, no estado de São Paulo, e seguiria ainda até a Ilha do Mel, já em território paranaense. Ao todo, seriam três dias de viagem e mais de 100 quilômetros de mar deixados para trás. De todos os navegantes, apenas o fotógrafo Marcelo Maragni e eu não nos encaixávamos no título de remadores, digamos, experientes. Penamos um pouco, enquanto assistíamos ao experiente Christian Fuchs mergulhar e emergir sem sair do caiaque, ao incansável Tídio Sampaio disparar na frente até virar um ponto amarelo no horizonte e à delicada Fernanda Campos exibir uma performance para marinheiro nenhum botar defeito.



NAVEGAÇÃO

Uma expedição vai muito além de botar o barco na água e sair remando. É preciso estar atento para as condições do clima, o sentido do vento e o regime da maré. Além disso, quando se trata de expedições por locais isolados como o Lagamar, é essencial consultar cartas cartográficas, GPS e bússolas para garantir o rumo certo e evitar se perder em meio às ilhotas e canais.